José Lopes da Silva

ESTUDO BÍBLICO
DOUTRINA CATÓLICA

LIVRO DA CARTA DE SÃO JOÃO · I, II e III

2021

José Lopes da Silva

ESTUDO BÍBLICO
DOUTRINA CATÓLICA

.....

LIVRO DA CARTA DE SÃO JOÃO · I, II e III

2021

Copyright © 2021 José Lopes da Silva

Todos os direitos reservados e protegidos pela lei nº 9.610, de 19/02/1998. Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida ou transmitida de qualquer modo ou por qualquer outro meio, eletrônico ou mecânico, incluindo fotocópia, gravação ou qualquer outro tipo de sistema de armazenamento e transmissão de informação, sem a prévia autorização, por escrito, de seu autor.

1ª EDIÇÃO

DIAGRAMAÇÃO
Cia Das Ideias | @cia.das.ideias

IMAGENS
pixabay.com.br
pt.wikipedia.org

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO AO LIVRO DA PRIMEIRA CARTA DE SÃO JOÃO 6
O autor 6
Dados da Tradição 6
Autenticidade de 1João 7
Gênero literário 8
1João não têm uma forma epistolar 8
1João é realmente carta 8
Unidade literária 9
Esquema do conteúdo de 1João 9
Escopo e destinatários da carta 10
Datação 11
1João e o quarto evangelho 11
A doutrina de 1João 12
Síntese 15
ESTUDO DO LIVRO DA PRIMEIRA CARTA DE SÃO JOÃO 17
INTRODUÇÃO AO LIVRO DA SEGUNDA CARTA DE SÃO JOÃO 24
Datação 25
Canonicidade 25
Importância histórica 25
Esquema e conteúdo da 2João 25

ESTUDO DO LIVRO DA SEGUNDA
CARTA DE SÃO JOÃO 27
Saudação 27
Caridade 27
Falsos profetas 27
Conclusão 28
INTRODUÇÃO AO LIVRO DA TERCEIRA
CARTA DE SÃO JOÃO 29
ESTUDO DO LIVRO DA TERCEIRA
CARTA DE SÃO JOÃO 30
Saudação 30
Felicitações 30
Censura a um irmão indigno 30
Conclusão 31
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS 32

INTRODUÇÃO AO LIVRO DA PRIMEIRA CARTA DE SÃO JOÃO

A Primeira Carta de João é a pérola preciosa do tesouro do Novo Testamento. Mais do que uma carta, é uma homilia ou exortação enviada por escrito: ela não nomeia o nome do autor nem indica os destinatários, mas a tradição unanimemente sempre a atribuiu ao apóstolo João, autor do quarto evangelho.

O autor

A carta não tem endereço inicial nem a conclusão final, própria das cartas da época. O emprego do "nós" impessoal (1,1-4) ou do singular (2,1.8.12-14.21.26.; 5,13) podem levar à confusão. Os dados internos indicam ser 1João obra de uma pessoa que sabe possuir autoridade a respeito da doutrina e da tradição evangélica. De fato, apela para o testemunho em favor de Cristo (1,1-5), para o valor teológico da Encarnação do Filho de Deus (4,2-3). O autor sente o dever de ensinar. Dado também que a 1João tem pontos de contato com o quarto evangelho a respeito da doutrina, língua e estilo, somos obrigados a aceitar a hipótese de que atrás dela esteja o apóstolo João e sua escola.

Dados da Tradição

A atribuição da Primeira Carta de João ao apóstolo João é testemunhada por Pápias (130), Policarpo (156), Justino (165), Irineu

(202), Clemente de Alexandria (211), Cânon Muratoriano (200) e Dionísio de Alexandria (248-265), que enfrentou o problema da autenticidade do evangelho e das cartas (cf. Eusébio, Hist. Eccl. VII, 25, 625; P.G. 20, 698, 702-704).

Autenticidade de 1João

Alguns críticos modernos levantaram objeções contra sua autenticidade. Eis as objeções contra a possibilidade de o apóstolo João não ser o autor:

- Se João foi o autor, por que a carta não traz o nome e o título de apóstolo para dar maior apoio na polêmica contra os gnósticos?
- 1João só cita Caim (3,12) e nada mais do AT, nem alude à vida de Jesus.
- O evangelho de João combate o mundo enquanto a 1João combate os mestres do erro, que estão nas comunidades.

A resposta a essas objeções visa a defender e a provar a autoria do apóstolo João.

A não alusão ao nome e ao título não era necessária para os destinatários que bem conheciam o autor. A motivação do escrito e o caráter expositivo não exigiam as citações do AT nem alusões à vida de Cristo (contudo, a influência de Jeremias é evidente: cf. 1Jo 5,20 com Jr 24, 7; 1Jo 2,27 com Jr 31,34). Enfim, 1Jo 1,1-4 indica que o autor é dos discípulos do Senhor e atesta a vida histórica de Jesus.

O autor de 1João é o apóstolo João (R. Schnackenburg), embora na redação definitiva possa contar provavelmente com um discípulo do apóstolo.

Gênero literário

1João é carta mas não tem forma literária precisa, com saudação inicial e conclusão final. O autor não fala de si nem dos destinatários, nem manifesta o relacionamento com os leitores. Os pareceres se dividem entre:

1João não têm uma forma epistolar

Dado que apresenta interesse pela exposição doutrinal, a obra seria catalogada como "carta encíclica" ou, então, carta catequética (Lohmeyer, Dodd, Reuss) pelo emprego dos títulos "meus filhos", "caríssimos", "filhinhos" (2,1.7.12-14.18.28; 3,2.7.18.21;4,1.4.11.; 5,21), "irmãos" (3,13). Segundo essas observações, o gênero literário é homilético. R. Schnackenburg afirma que 1João é um escrito exortativo, pois faz distinção entre justos e pecadores em vista da salvação, que se realiza pelo Batismo.

1João é realmente carta

J. Chaine, A. Feulliet e R. Bultmann, apesar de reconhecerem os aspectos homiléticos, apontam que o autor conhece a situação e as dificuldades das comunidades a que escreve (2,12.14.20.26; 3,7.13;4,4; 5,13). O emprego da linguagem familiar nos induz a definir 1João como carta. Não com exposição doutrinal nem circular, no sentido de que tenha sido escrita com tal finalidade.

1João é carta particular, mas talvez tenha sido dirigida ou passada a outra comunidade da mesma região onde existiam erros cristológicos. É então verdadeira carta, pois o autor insiste no fato de "escrever": 1,4; 2,1.7.8.12.13.14.21.26; 2,7-8; 5,13.

Unidade literária

O texto da carta apresenta contrastes: 1,8-10; 2,1; 3,3.6-8; 5,16-18. Especialmente entre 1,8 e 3,6.9: pecabilidade e impecabilidade.

São reconhecíveis três estilos: o profético, o didático e o homilético. Alguns autores protestantes pretendem descobrir na carta algumas perícopes ou unidades anteriores à atual carta. Mas, em geral, se admite a unidade da carta.

O parecer comum consiste no fato de que a carta tem unidade pela maneira de pensar semítica, que ama ver os aspectos sob perfis diferentes. Isso explica também a variação do estilo homilético e do didático e a variação de afirmações.

A carta foi escrita motivada por problemas pastorais: ideias propagadas por falsos mestres da fé.

A conclusão original provavelmente é 5,13, enquanto 5,14-21 é um acréscimo.

Esquema do conteúdo de 1João

A ideia-mãe de 1João é a do caminho com Deus, proposta na introdução (1,1-4) e explicitada em seguida nas três definições de Deus: Deus é Luz (1,5-2,28) e o homem se une a ele caminhando na luz (observando os preceitos e combatendo o pecado); Deus é Justo (2,29-4,6) e o homem se torna filho dele praticando a justiça com fé e amor; Deus é Amor (4,7-5,12) e o homem se une a ele vivendo no Amor.

O epílogo (5,13-21), a modo de inclusão, retoma o tema central da união com Deus pela fé.

Podemos explicitar assim:

- **Introdução 1,1-4**: testemunho e comunhão com o Pai e o Filho.
- **Corpo da Carta (1,5-5,12)**: explicitação do prólogo, comunhão

com Deus que é Luz, Justiça, Amor.

• **Parte I (1,5-2,28): Deus é Luz.**

Caminhar na Luz é:

Evitar os pecados e purificar-se no Sangue de Cristo (1,5-2,2).

Observar os mandamentos e o amor fraterno (2,12-17).

Não amar o mundo e seus prazeres (2,12-17).

Contra os anticristos, confessar a fé em Jesus Cristo (2,18-28)

• **Parte II (2,29-4,6): Deus é Justiça.**

Premissa 2,29-3,2: somos filhos de Deus, realidade que se manifestará plenamente no futuro, mas que já nesta terra se pode distinguir.

Evitar o pecado 3,3-10a.

Observar os mandamentos e a caridade fraterna 3,10b-24.

Acreditar em Cristo Filho de Deus encarnado 4,1-6.

• **Parte III (4,7-5,12): Deus é Caridade.**

A caridade (4,7-21): Deus mostrou seu amor, obrigação nossa ao amor.

A fé (5,1-12): a fé indica quem nasceu de Deus, quem é capaz de observar os mandamentos e quem vence o mundo.

• **Conclusão (5,13-21): volta ao tema da comunhão com Deus.**

Novo epílogo das temáticas. O versículo 13 é verdadeira conclusão. O resto é acréscimo da escola de João.

Escopo e destinatários da carta

O escopo do escrito está em 2,21 e 5,13. Os destinatários são pessoas que acreditam no nome do Filho de Deus (5,13). E a finalidade é declarar a dignidade da condição cristã: pertencer a Deus, ter nascido dele, conhecê-lo, morar nele (cf. 3,6-9: ter nascido de Deus e a impecabilidade).

Segundo A. Feuillet, a carta ensina uma autêntica gnose cristã: o conhecimento de Deus e a comunhão com ele (vida com ele na fidelidade

aos mandamentos, a elevação mística e a moralidade empenhada e exigente) depende do amor aos irmãos.

A carta aponta a vida cristã como *koinonia* = comunhão: 1,3.6-7. Estar e ficar em Deus 2,5.6.24;5,20. Nós estamos em Deus e ele está em nós 3,24;4,13.

A carta também tem em vista a fé e os falsos profetas: 1,8-10 (cf. 2,18.22; 4,1.3) e a confirmação na fé em Jesus Cristo Filho de Deus 2,22-23; 3,23; 4,15; 5,1.5.10.13.

Os destinatários são os cristãos das comunidades de uma mesma região (cf. 1,3.5). A região é a de Éfeso, na Ásia Menor, pois os primeiros movimentos gnósticos são daquela região (cf. as cartas Cl, 1Tm, 2Tm). Os destinatários eram pagãos convertidos: 5,2.

Datação

1João é contemporânea ao quarto evangelho. Os indícios da crítica interna não oferecem certeza a respeito também da anterioridade ou posterioridade ao quarto evangelho. A carta no seu conteúdo supõe uma longa reflexão e também a alusão aos temas do quarto evangelho. É provável que a carta seja fruto da última fase de elaboração desse evangelho, então a data seria a última dezena do século I.

1João e o quarto evangelho

Existe grande afinidade de vocabulário entre o evangelho e a Primeira Carta de João: ter pecados, fazer a verdade, testemunhar, ser de..., ter nascido de Deus, da verdade, do mundo, do demônio, ver e atestar, conhecer e crer, permanecer em Deus, caminhar na luz, ter a vida eterna, observar e guardar a palavra, os mandamentos etc. Eis alguns exemplos:

1,5 = Jo 12,35 2,27 = Jo 16,30
1,8 = Jo 8,44 3,14 = Jo 5,24
2,11 = Jo 12,35 4,16 = Jo 6,29
2,15 = Jo 5,42 5,9 = Jo 5,34

Também o estilo semítico é igual: início das frases com "todo aquele que..." 2,16.23.29; 3,3.4.6.9.10.15;4,8;5,1.4.18; o uso da conjunção "e" e o emprego do paralelismo.

Na visão teológica existe uma certa identidade com o evangelho:

• Cristo é o Logos (importância da Encarnação do Filho de Deus) 3,5 = Jo 1,29.

• O Espírito Santo tem missão iluminadora.

• A vida cristã é apresentada na perspectiva de tensão e opção: bem e mal, luz e trevas, vida e morte. Filhos de Deus e filhos do diabo, discípulos e mundo. O dualismo é mantido também na carta. Existem, porém, divergências, mas não chegam a prejudicar, por exemplo: a respeito da parusia. Em 1João, a parusia parece iminente (2,18-28; 3,2-12), enquanto que no quarto evangelho a escatologia já é realizada e participada pelos cristãos.

A doutrina de 1João

Vamos elencar os temas doutrinários:

• Deus é Luz (1,5) e Amor (4,8): os fiéis devem caminhar na Luz (1,6-7), pois a santidade de Deus é norma de vida (2,20; 3,7). Devem permanecer no amor (4,16), observando os mandamentos (2,3-7; 3,22-24; 5,2-3), amando os irmãos (2,10; 3,10-18.23; 4,7-8).

• O dado essencial do cristianismo é a vinda do Filho Deus: 4,2, cf. 2Jo 7.

• Importância do Espírito Santo: 2,20.27.

• A fé: 1,5;2,24. A fé autêntica não rejeita a Cristo (2,23).

• A *koinonia*: a fé determina o vínculo e a comunhão de vida entre os fiéis (1,3.6-7).

A vida cristã:

• é nascimento para a vida de Deus (3,2);

• acolhe a tradição apostólica (1,5; 2,21-24);

se opõe ao erro e exige o discernimento dos espíritos (2,18-23;4,1-4);

• exige o amor aos irmãos (2,3-11; 3,11-24; 4,7-5,4);

• resiste ao mundo, aos desejos da carne e dos olhos e à avidez das riquezas (2,12-17; 3,13; 4,1);

• confessa o pecado (1,8-10; 2,1; 3,3.4);

• confia no Salvador (2,1.2; 3,5.8; 5,6.7);

• tem certeza da vitória e alcança a impecabilidade (3,6.9; cf. 2,12-14; 3,20; 4,4-6; 5,4; 5,14-21).

K. H. Shelkle afirma que a Primeira Carta de João é um testemunho importante da história da Igreja, pois testemunha a controvérsia da antiga Igreja contra o poderoso movimento da gnose herética. A gnose, a mais perigosa rival do cristianismo, procurava com sua doutrina dualista negar a historicidade e a humanidade de Jesus; por isso, o apóstolo João, autor da Primeira Carta de João, se apresenta como testemunha de Jesus histórico.

A Salvação não nos é concedida mediante um conhecimento superior (gnose), mas mediante o oferecimento da graça de Jesus feito homem e crucificado, acolhido na fé (2,2).

A. Feuillet apresenta as seguintes ideias mestras da Primeira Carta de João. Pode-se reconhecer as grandes ideias que ele quer inculcar.

A existência cristã aí se define como uma relação vital e ontológica com Deus: o cristão está em comunhão com Deus, nasceu de Deus, possui Deus, permanece nele, conhece-o. Mas essa realidade é misteriosa: o que os fiéis são atualmente, assim como aquilo que serão no além, não é atestado senão pela fé (mesmo que a presença de Deus seja muitas vezes tida como conhecida experimentalmente). Assim, o autor multiplica os critérios que permitem ao fiel julgar sobre a autenticidade de sua vida religiosa; daí vem a frequência da expressão "por isso" como também do verbo "reconhecer": 2,3.5; 3,10.14.19.24; 4,2.6.13; 5,2.13.18.20. Deus é Luz, Deus é justo, Cristo é puro de todo pecado; Deus é Amor, generosidade infinita, assim como o mostrou o dom que ele fez à humanidade: seu filho único morto em favor dela sobre a Cruz. Participação da vida divina, a vida cristã deverá refletir as próprias qualidades de Deus e por isso ser constantemente fiel aos ensinamentos e aos mandamentos de Cristo e da sua Igreja: permanecer graças à fé e à caridade na irradiação do amor substancial, tender sempre à maior pureza e a uma generosidade maior; sem isso a vida cristã seria minada pela ilusão.

Crer no Amor divino que se encarnou em Jesus e, consequentemente, amar seus irmãos, não somente por palavras, mas na prática, tal é a mensagem dirigida por João aos cristãos. É o ser deles mesmos, aquilo que eles se tornaram em Cristo, que impõe aos fiéis essas obrigações. Os oráculos de Jeremias (24,7; 31,31-34) e de Ezequiel (36,25-28) sobre a nova aliança e a Lei escrita nos corações como um princípio interior de ação, João tem a certeza que são agora realizados. Assim se explica sua linguagem, principalmente nas seguintes passagens:

Quanto a vós, a unção que dele recebestes permanece em vós. E não tendes necessidade de que alguém vos ensine (cf. Jr 31,34); Por ele ter dado seu Espírito (cf. Ez 36,27); e, sobretudo, 5,20: *Sabemos que o Filho de Deus veio e nos deu*

entendimento para conhecermos o Verdadeiro (cf. Jr 24,7).

A Primeira Carta de João é fruto de uma autêntica gnose cristã, ao mesmo tempo conhecimento e comunhão, que tem suas raízes no Antigo Testamento. Ela ensina uma mística no fundo muito parecida com a de Paulo, porém mais teocêntrica do que ela, focalizando menos a Cristo para remontar até ao Pai. O ideal aqui não é mais viver em Cristo, mas permanecer em Deus, na luz, no Pai e no Filho (2,6.10.24.28; 3,6.24; 4,12.13.15...); o que não impede, aliás, João de sublinhar tão fortemente como Paulo a mediação indispensável do Filho de Deus encarnado no acesso dos fiéis à própria vida de Deus. Mas esse escrito fundamentalmente místico testemunha ao mesmo tempo o realismo moral mais lúcido e mais exigente: a comunhão com a vida divina é dada aí a cada passo como impossível sem a fidelidade absoluta aos mandamentos. Essas páginas, que mostram o caminho das ascensões espirituais mais altas, fecham a via a todo iluminismo. Não há outras que sejam ao mesmo tempo mais esclarecedoras, mais práticas. Caras às almas elevadas, continuam, a despeito do caráter enigmático de certos textos, ao alcance dos cristãos mais humildes (A. Feuillet).

Síntese

I - Prólogo: A comunhão com Deus (1,1-4)

II - A comunhão como caminho na luz (1,5-2,29)

1,5-2,17	Exortação
1,5-7	Caminhar na Luz
1,8-2,2	Evitar o pecado
2,3-11	Guardar os mandamentos
2,12-17	Resistir ao mundo
2,18-29	Seção cristológica: Cristo e o anticristo

III - Viver como filhos de Deus (3,1-4,6)

3,1-24 Exortação
3,1-3 Viver como filhos de Deus
3,4-10a Evitar o pecado
3,10b-24 O mandamento do amor
4,1-6 Seção cristológica: Cristo e o Espírito de verdade

IV - Relação entre caridade e fé (4,7-5,12)

4,7-21 A caridade em relação com a fé
5,1-12 A fé em relação com a caridade
5,13 Conclusão

V - Complementos (5,14-21)

5,14-17 A oração pelos pecados
5,18-21 Resumo da carta

ESTUDO DO LIVRO DA PRIMEIRA CARTA DE SÃO JOÃO

Prólogo (1Jo 4). Esta carta, tal qual acontece ao Evangelho, abre-se com um solene prólogo, construído de maneira admirável. Aprofunda as relações entre Cristo, os apóstolos e os cristãos. Três motivos principais podem ser destacados.

1. A encarnação da Palavra é um fato histórico que está na origem da pregação cristã. O parêntese do v.2 - que se abre e se encerra com o verbo temos visto - descreve a revelação progressiva da Palavra da vida: junto do Pai, manifestada, vista, testemunhada e anunciada.

2. A experiência pessoal de João e dos outros apóstolos se fundamenta em um contato real, físico, muito salientado (ao menos sete vezes) com Jesus. João emprega verbos de percepção e de anúncio com um duplo significado, mas principalmente se refere à realidade transcendente que só a fé, para além dos sinais sensíveis, pode alcançar. Através da história de Jesus os apóstolos creram e testemunharam o mistério de sua pessoa.

3. Comunhão dos cristãos na experiência das primeiras testemunhas. Estes começam a tradição viva que ainda continua na Igreja: O que vimos e ouvimos, nós vos anunciamos (1,3). Objetivo desse anúncio é encher o coração de alegria a quem o dá e a quem o recebe (1,4) e criar a comunhão na fraternidade

eclesial que participa da comunhão com Deus Pai e com Jesus, o Filho.

Assim se encerra perfeitamente o desdobramento da revelação. A vida, que estava junto do Pai, apareceu na carne do Filho, para levar todos os homens, através da missão dos apóstolos, à comunhão com o Pai e o Filho. Com essas gratificantes notícias todos nós cristãos somos inundados por uma grande alegria.

Luz e pecado (1Jo 2,2). A imagem da luz, que o Quarto Evangelho refere a Jesus (cf. Jo 8,12), aplica-se agora a Deus, fonte da revelação e da santidade. Cada uma das formulações introduzidas pela expressão *se dizemos [pensamos]* (vv.6.8.10) expressa o sentimento dos adversários gnósticos, cuja doutrina é combatida por São João. Falar da luz a respeito da divindade era um tópico ou lugar comum naquele tempo. Para o gnosticismo, o fiel chegava até Deus mediante uma espécie de iluminação interior, ou profundo conhecimento, ou êxtase místerico; para São João trata-se de andar ou caminhar segundo o comportamento de Deus: *Sede santos, porque eu, o Senhor vosso Deus, sou santo* (Lv 19,2). Realizar a verdade possui um caráter concreto e existencial. A verdade é a Palavra de Deus, proclamada por Jesus (vv.8.10), que penetra no crente até transformar sua vida. Realizar a verdade mostra o caminho de conversão para o encontro vital com Jesus.

O apóstolo insiste com sadio realismo: somos pecadores. O pecado existe (vv.8.10). Deus o permite para no Filho manifestar-nos seu amor (cf. 4,9; Rm 11,32; Gl 3,22). A sentida consciência de nosso pecado não nos deve levar ao desespero, mas sim a renovar a fé em Cristo. Ele aparece egregiamente assinalado com três funções salvadoras. É nosso *advogado - parakletos*. Se no evangelho aplica-se ao Espírito Santo (cf. Jo 14,16.26; 15,26; 16,17), aqui se refere a Jesus Cristo, o qual intercede

por nós no tribunal de Deus. É *justo*, não tanto em sua essência, mas sim quanto à manifestação de sua obra de salvação, visto que perdoa e justifica os pecadores. É *vítima de expiação* (cf. Ex 29,36-37), o que indica o sacrifício voluntário de Cristo na cruz (cf. Ap 5,9-10), de eficácia permanente e universal.

Verdadeiro conhecimento de Deus (1Jo 6). Em antítese com o pecado está a observância dos mandamentos, fruto e sinal da comunhão com Deus. Aparece duas vezes: *por isso sabemos* (vv.3.5). Conhecer a Deus, segundo a acepção bíblica (ver sobretudo Jr 31,34) não é ter dele uma noção abstrata, e sim entrar em uma relação pessoal e viver em comunhão com ele. Para São João, este conhecimento se mostra de maneira muito concreta: é sinônimo de permanecer com ele (vv.2.3.5), de observar os mandamentos (vv.2.3). Portanto, quem peca não o viu nem o conheceu (3,6; cf. Tt 1,16). Mediante a observância dos mandamentos, ou pela confissão de nossos pecados, conhecemos a verdade ou a falsidade de nossas belas declarações de amor *(Se dizemos [pensamos]*: 1,6.8.10; 2,4).

Vencer o Maligno (1Jo 17). Vencer o Maligno significa também vencer o mundo - na concepção joanina - que *jaz sob o poder do Maligno* (5,19) e dominar os poderes que nele atuam. O mundo fica reduzido a estas três potências. A *carne* indica o próprio homem inclinado para o mal e inimigo de Deus (cf. Jo 3,6; Ef 2,3; 1Pd 2,11).

Para o crente, a vitória sobre o mundo e o Maligno é um dom de Cristo, mas também uma tarefa: *um indicativo* (2,13; 4,4; 5,4) e um imperativo (v.15a). Não existe caminho intermediário nem outra alternativa: ou o amor do Pai ou o amor do mundo (v.15b; cf. Tg 4,4; Mt 6,24). E toda decisão existencial leva consigo um destino: quem segue a vaidade deste mundo passa, como a escuridão diante da luz (vv.8.17; cf. 1Cor 7,31); mas

quem obedece ao Pai, como fez Jesus Cristo (cf. Jo 4,34; 6,38), *permanece eternamente* (v.17; cf. Jo 12,34; 15,10; Hb 7,24).

Cristo e os anticristos (1Jo 29). A última hora da história, da qual fala o Novo Testamento (v.18; cf. 2Ts 2,5; 2Pd 3,1-3), apareceu com a primeira manifestação de Cristo (1,2; 3,5.8) e se concluirá com a segunda manifestação da parusia (v.28). Caracteriza-se pela *manifestação* dos anticristos (vv.18s; 4,1.3; cf. 2Jo 7). Nessa hora da batalha decisiva destaca- se a figura central de Cristo. A ele se opõe o anticristo, o mentiroso (v.22; cf. Jo 8,44), que representa a negação de Cristo e de sua verdade. Traz um nome coletivo, muitos (v.18). Eles se caracterizam por sua apostasia (v.19) e incredulidade (v.22; cf. Hb 4,2).

Do lado de Cristo estão os fiéis (cf. Ap 17,14), os que professam com o coração e a boca que Jesus é o Filho de Deus (vv.20-23). Seu sinal de identidade é o crisma ou unção, ou seja, a Palavra de Deus assimilada na fé. O crisma instrui na virtude do Espírito Santo (v.27; cf. Jo 14,26) e proporciona o instinto da verdade e o sentido da fé. Enquanto o cristão vive, encontra-se entre o ser (*indicativo*) e o dever ser (*imperativo*). O crisma, isto é, a Palavra de Deus *permanece* nele, e por isso ele permanece em Cristo (vv.14.28); mas também representa uma tarefa ou dever que a Palavra permaneça nele e que ele permaneça em Cristo (vv.24.28) libertando-se dos anticristos (v.26).

Filhos de Deus (1Jo 3,1-10). O apóstolo fala com admiração da suprema grandeza do cristão: desde agora somos filhos de Deus (v.2); somos conformes à imagem do Filho (cf. Rm 8,29). Tudo isso é dom e graça do seu amor. O Pai nos *deu* - como graça e sinal da sua bondade - chegar a ser participantes de sua natureza divina, revelando-nos assim a medida sem medida do seu amor infinito (v.1; 2Pd 1,4). Essa realidade escatológica está iniciada, mas não de todo completada; é todavia

objeto de esperança a plena manifestação de nossa semelhança divina (vv.2-3; cf. Rm 8,23; Cl 3,4). Os que possuem essa esperança vão se purificando e se libertando da angústia e do pessimismo existencial. Vivem na gratuidade.

O mandamento do amor (1Jo 3,11-24). A mensagem, recebida desde o princípio (v.11), é o amor fraterno. Tal é o sinal distintivo dos filhos de Deus: amor que vem de Deus e que se dirige ao irmão. São João recorre a expressões já pronunciadas por Jesus no discurso de despedida: *que nos amemos uns aos outros* (3,23). O amor cristão é benéfico, faz o bem, cria comunidade, por oposição ao ódio, cujo protótipo é Caim (v.12), que só acarreta destruição e morte. Daí a severidade destas frases: aquele que não ama é um mentiroso, ainda mais, um assassino (v.15). É preciso chamar a atenção para esta afirmação fundamental e radical; aquele que ama experimenta um novo nascimento, ou uma nova páscoa (v.14). Mas, estejamos atentos!, amar significa amar como Jesus, que nos amou até o extremo. Nesse aspecto, como bom ancião, mostra- se o realismo e sabedoria aquilatada de João. Se o amor é autêntico, tem de se traduzir em atos; não pode contentar-se em ser *palavra só da boca*. A exemplo de Jesus, o cristão deve dar a vida por seus irmãos; deve mostrar uma compaixão não só afetiva, mas efetiva. Mostram-se antológicos os seguintes vv.: *Nisto temos conhecido o amor: [Jesus] deu sua vida por nós. Também nós devemos dar a nossa vida pelos nossos irmãos... Meus filhinhos, não amemos com palavras nem com a língua, mas por atos e em verdade* (vv.16-18). Nosso amor fraterno só tem sentido a partir de Jesus, a partir de sua palavra reveladora e a partir do mistério de sua entrega à morte por amor. O amor ao irmão como filho de Deus é inseparável do amor a Deus (4,20-21). Sacramento do amor do Pai por nós é o Filho (4,9); sacramento de nosso amor ao Pai é o irmão (4,12.20).

Discernimento do espírito (1Jo 4,1-6). Os falsos mestres, os anticristos, falam a linguagem do mundo; o cristão não deve escutá-los.

Deus é amor (1Jo 4,7-21). A afirmação *Deus é amor* (vv.8.16) não quer se transformar em uma definição abstrata da essência divina. Trata-se prioritariamente da revelação que Deus fez de si mesmo ao longo da história, mediante obras e palavras carregadas com o peso do amor e que agora, na plenitude dos tempos, culmina em Jesus. O envio do seu Filho como *vítima de propiciação por nossos pecados* (v.10) manifestou esse amor tornando-o presente *no meio de nós* (v.16). João exalta a gratuidade e transcendência desse amor. Afirma a prioridade, e mais ainda a primazia absoluta. O cristão não pode amar senão com a força desse amor primeiro. A presença do amor no cristão é sinal de que *nasceu de Deus e é filho de Deus*. Deus permanece e age nele. Pode-se dizer que verdadeiramente é gerado em Deus. Por meio desse amor descobriu a Deus (vv.7-8).

Uma ideia importante depreende-se da carta. Contrariando a opinião de que o amor (por Deus e pelos irmãos) está ao alcance do homem como um sentimento natural, que brota espontaneamente do seu próprio coração, João ensina e salienta a origem divina do amor e a incapacidade humana de alcançá-lo mediante suas próprias forças. Foi necessário que o próprio Deus viesse em sua ajuda e não somente lhe revelasse o amor, mas que fizesse acender-se em seu coração essa fonte por meio do Espírito Santo, que o Pai e o Filho nos dão. O verdadeiro amor sempre é de Deus.

É preciso permanecer no estado de receber o amor de Deus. Isso, na linguagem de João, se chama fé. Quem não acolhe o amor não poderá dar amor. É preciso aceitar ser amados. Pede-se ao cristão crer firmemente no amor de Deus manifestado em Cristo. Essa é a verdadeira rocha na qual pode se sustentar uma vida cristã, constituída por generosa doação

aos irmãos. Esse amor não acaba nunca, não muda, não se transforma. É eterno e se converte em fonte aberta para o cristão, brota do costado de Cristo na água viva do Espírito Santo. *Só o amor de Deus é digno de fé.*

Conclusão (1Jo 5,1-21). A Primeira Carta de João salienta a quintessência da revelação cristã.

Jesus é o modelo e a origem do nosso amor. Com a força do seu Espírito nos capacita para amar nossos irmãos como ele nos amou, em um serviço e entrega de amor até a morte. João quer assegurar aos membros de sua comunidade que estão no bom caminho. Não se deixaram enganar pelos falsos mestres que já abandonaram a comunidade e cujos pecados vão contra a fé e o amor. Esses é preciso que os deixemos entregues às mãos de Deus e de sua misericórdia. Por todos os outros é preciso orar, estando certos de que Deus escuta nossas orações. Os últimos vv. (18-21) fazem um belo resumo de toda a carta. Os filhos e filhas de Deus rejeitam o pecado, afastam-se do mundano, colocam sua confiança em Jesus, de quem recebem vida eterna e não se deixam enganar pelas falsas doutrinas.

INTRODUÇÃO AO LIVRO DA SEGUNDA CARTA DE SÃO JOÃO

As duas pequenas cartas que levam o nome de João são realmente cartas. Trazem o nome do remetente e dos destinatários e são escritas em situações bem concretas. Ambas têm como remetente alguém que se chama de "presbítero", isto é, "o ancião". A Tradição sempre interpretou como autoindicação do apóstolo João.

O título "o presbítero", com artigo, significa um "ancião" conhecido pelos destinatários. É bem característico de João ocultar-se debaixo de um título que o vela, mas que ao mesmo tempo o revela. Aliás, Paulo, também na Carta a Filêmon, usa esse título.

O conteúdo e a forma da segunda e terceira cartas de João são do mesmo autor. O autor das duas cartas fala com autoridade e sua palavra tem o incisivo do evangelho e da Primeira Carta de João. Os críticos recentes admitem o caráter "joanino" das duas cartas. A carta ajusta-se bem à imagem das comunidades joaninas do fim do primeiro século.

Visitantes do autor, chamado "O ancião" (v.1), mostram-se fiéis à doutrina recebida (v.4). Por isso, ele descreve com alegria a Igreja joanina (a Senhora Eleita) (vv.1.3), da qual eles vieram para expressar alegria e oferecer conselhos sobre amor e crença. Eles devem amar-se uns aos outros (vv.5-6). Devem, também, tomar cuidado com os que romperam a unidade, os anticristos, que negam a vinda de Jesus Cristo na carne (vv.7-9). Não devem acolhê-los em suas casas (vv.10-11). Saudação final (vv.12-13).

Datação

Pelo conteúdo e pela preocupação pastoral, a segunda e a terceira cartas de João aludem às sete cartas do apóstolo (Ap 2-3). Isso depõe a favor do ambiente joanino no qual as duas cartas encontram origem. Também as afinidades de expressões induzem a pensar que tiveram o mesmo autor e podem ser datadas cronologicamente próximas uma da outra, e parecem ter sido escritas no fim do século I.

Canonicidade

Pela brevidade de ambas e pelo caráter estritamente pessoal da última, essas duas cartas teriam pouca chance de serem conservadas. No entanto, são atestadas por numerosas testemunhas antigas: Policarpo (*Phil.* 7,1), Irineu (*Adv. Haer.* 1,16) o cânon Muratori, Tertuliano (*De Carne Christi*, 24), Prisciliano, Rufim, Agostinho etc.

Importância histórica

A 2João apresenta a situação de uma comunidade dos primeiros tempos que progride na fé, mas passa por dificuldades. O escrito contém normas disciplinares para evitar que sejam divulgadas as doutrinas dos falsos mestres (2Jo 10).

Esquema e conteúdo da 2João

Endereço e saudação à Comunidade (= *à Senhora Eleita e a seus filhos*, vv.1-3).

Alegria do Presbítero pela caminhada na verdade e segundo o mandamento de amar-se uns aos outros (vv.4-6).

Enunciado central: heresia dos sedutores - não reconhecer Jesus na carne (vv.7). Chamada de atenção para não perder os frutos do trabalho (v.8). Três casos de indisciplina: v.9, os que não permanecem na doutrina; v.10, os que

não trazem a doutrina; v. 11, aqueles que saúdam e recebem os hereges.

Conclusão: desejo de falar mais de viva voz. Saudações.

Conteúdo: permanecer na verdade. Observância do mandamento do amor. Acautelar-se contra os que negam a Encarnação de Jesus Cristo. Denunciar o sedutor, o Anticristo.

1-3	Saudação
4-6	O mandamento da caridade
7-11	Os anticristos
12-13	Conclusão

ESTUDO DO LIVRO DA SEGUNDA CARTA DE SÃO JOÃO

Saudação

O ancião à Senhora eleita e a seus filhos, que amo na verdade. Não somente eu, mas também todos os que conheceram a verdade, (2Jo 2) por causa da verdade que permanece em nós e que ficará conosco eternamente. (2Jo 3) Estejam convosco, na verdade e no amor: graça, misericórdia e paz da parte de Deus Pai e de Jesus Cristo, Filho do Pai.

Caridade

Muito me alegrei por ter achado entre teus filhos alguns que andam na verdade, conforme o mandamento que temos recebido do Pai. (2Jo 5) E agora rogo-te, Senhora, não como quem te escreve um novo mandamento, mas sim o que tivemos desde o princípio: que nos amemos uns aos outros. (2Jo 6) Nisto consiste o amor: que vivamos segundo seus mandamentos. É esse o mandamento que tendes ouvido desde o princípio, e segundo o qual deveis viver.

Falsos profetas

Muitos sedutores têm saído pelo mundo afora, os quais não proclamam Jesus Cristo que se encarnou. Quem assim proclama é o sedutor e o Anticristo. (2Jo 8) Acautelai-vos, para que não percais o fruto de nosso trabalho, mas antes possais receber plena recompensa. (2Jo 9) Todo

aquele que caminha sem rumo e não permanece na doutrina de Cristo não tem Deus. Quem permanece na doutrina, este possui o Pai e o Filho. (2Jo 10) Se alguém vier a vós sem trazer essa doutrina, não o recebais em vossa casa, nem o saudeis. (2Jo 11) Porque quem o saúda toma parte em suas obras más.

Conclusão

Apesar de ter mais coisas que vos escrever, não o quis fazer com papel e tinta, mas espero estar entre vós e conversar de viva voz, para que a vossa alegria seja perfeita. (2Jo 13) Saúdam-te os filhos de tua irmã, a escolhida.

INTRODUÇÃO AO LIVRO DA TERCEIRA CARTA DE SÃO JOÃO

A Terceira Carta de João é dirigida a um cristão chamado Gaio, pessoa de confiança do "Presbítero", o qual o elogia pela sua hospitalidade em receber os pregadores valentes. Anima-o a continuar a receber em sua casa os enviados do apóstolo João, que eram mal recebidos pelo chefe da comunidade local, Diótrefes. O Presbítero avisa que lhe responderá quando lá for. Ao mesmo tempo elogia o caríssimo Demétrio pelo bem que ele está fazendo.

A *Bíblia de Jerusalém* afirma que a Terceira Carta de João é provavelmente a mais antiga das três. Ela procura regulamentar um conflito de autoridade que tinha surgido em uma Igreja que dependia da autoridade de João. A terceira deve ter sido escrita também no mesmo lugar e na mesma época em que as outras duas, isto é, na última década do século I.

1-2	Saudação
3-8	Elogio a Gaio
9-11	Conduta má de Diótrefes
12	Elogio de Demétrio
13-15	Epílogo

ESTUDO DO LIVRO DA TERCEIRA CARTA DE SÃO JOÃO

Saudação

{*} O ancião ao caríssimo Gaio, a quem amo na verdade. (3Jo 2) Caríssimo, desejo que prosperes em todos os teus empreendimentos, que estejas bem e igualmente que tua alma prospere.

Felicitações

{*} Alegrei-me muito com a vinda dos irmãos e com o testemunho que deram da tua verdade, de como andas na verdade. (3Jo 4) Não tenho maior alegria do que ouvir dizer que os meus filhos caminham na verdade. (3Jo 5) Caríssimo, fazes obras de fé em tudo o que realizas para os teus irmãos, mesmo para os irmãos estrangeiros. (3Jo 6) Estes, perante a comunidade, deram testemunho do teu amor. Farás bem em provê-los para a sua viagem, de um modo digno de Deus. (3Jo 7) {*} Pois por amor do seu nome partiram, sem nada receber dos pagãos. (3Jo 8) Devemos, portanto, receber a tais homens, para cooperar com eles pela verdade.

Censura a um irmão indigno

Escrevi uma palavra à Igreja. Mas Diótrefes, homem ambicioso do poder, não nos quer receber. (3Jo 10) Por isso, quando eu for aí, hei de recordar as obras que ele pratica, espalhando contra nós coisas más. Não

contente com isso, ele não só recusa receber os irmãos, como até proíbe recebê-los aos que o quereriam fazer, e os exclui da comunidade. (3Jo 11) {*} Caríssimo, não imites o mal, mas sim o bem. Quem pratica o bem nasceu de Deus. Quem pratica o mal não viu a Deus.

Conclusão

(3Jo 13) {*} Tinha muitas coisas para te escrever, mas não quero fazê-lo com tinta e pena. (3Jo 14) Espero ir ver-te em breve e então falaremos de viva voz. (3Jo 15) A paz esteja contigo! Os amigos te saúdam. Saúda os amigos cada um em particular!

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

A BÍBLIA ANOTADA - Editora Mundo Cristão, 1991

A BÍBLIA DE JERUSALÉM - Editora Paulus, 2000

BÍBLIA DO PEREGRINO - Editora Paulus, 2000

BÍBLIA DOS CAPUCHINHOS - Editora Difusora Bíblica, 1998

BÍBLIA FÁCIL - Centro Bíblico Católico, 2001

BONORA, Antonio *et al. Vademecum para o Estudo da Bíblia*. Edições Paulinas, 2000

DIAS DA SILVA, Cássio Murilo. *Metodologia de Exegese Bíblica*. Edições Paulinas, 2000

DRANE, John et al. *Atlas da Bíblia*. Editora Paulus, 2004

SESBOÜE, Bernard *et al. História dos Dogmas*. Editora Loyola, 2005.